

O Zezista



Director e Editor,
AMÉRICO ALVES FERREIRA

Quinzenário Humorístico - Literário

Secretário da Redacção,
AURÉLIO BARROS MARTINS

Redacção e Admin.: Rua do Espírito Santo, 16 — GUIMARÃES ||| Comp. e impr. na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Mgr. — FAFE

FALTA DE BAIRRISMO

E' caso curioso o ouvir-se constantemente falar de bairrismo, impar de orgulho e traçar gesto largo para fazer acusações aos vimaranenses que só encham a bôca com o nome de Guimarães, num arremêso que faria córar o *Zé Povinho* do... Bordalo, como se a falta de bairrismo exista de verdade ou cada vimaranense seja... carne de cachaço!

E' falso. O bairrismo existe e em grande dóse.

Os colegas locais e os colegas de... correspondencia andam redondamente enganados. Senão, vejamos:

¿ Não é bairrismo o consentir-se no pôsto de despiohamento criado ali, no corredor da Misericórdia?

E' um consôlo vêr aquela gatinha a fazer a matança do sobredito cujo... piohlo, penalizando-nos não vêr a policia tomar parte naquelas «corridas á hespanhóla».

¿ Será falta de bairrismo o permitir-se que o garotio use

Coisas desagradáveis

—Estar um «romeu» a botar faladura com a sua «julieta», ouvir passos, aparecer sujeito de bigodes, e «romeu» apanhar duas sôlhas no focinho...

—Escrever quadra do S. João para o Concurso do «Noticias», ler ao amigo, este prometer segredo, dizer que não concorre, mas no dia aprasado aparecer jornal com versos dêle quási iguais, ser o dito pantomineiro, para outra vez poder apanhar galhêta...

Festas da Nossa Senhora do Carmo na Penha

Kermesse—Torneio aos pombos—Musica e Fôgo de Artificio

E' hoje que se realisam os festejos da Nossa Senhora do Carmo da Penha, havendo "Kermesse", torneio aos pombos, musica, arraial e fôgo de artificio.

A' Penha! A' Penha! A' Penha!



Visado pela Comissão de Censura.

FALTA DE BAIRRISMO

a plena liberdade de lingua-gem e estacione em frente do *Café Oriental*, por vêzes impedindo o trânsito a quem passa e contribuindo para uma maior vergonha das senhoras que por ali se servem do passeio?

¿ E o facto da policia não meter bedêlho neste assunto, não nos traz a *liberdade de pensamento e obras*?

¿ Devemos considerar falta de bairrismo a pastagem dada aos bois no parque do nosso Castelo, para se mostrar ao *touriste* que os bois também sabem comer herva?

E quanto, quanto mais se apontaria para repudiar a calúnia da... falta de bairrismo!

Não. Não há falta de bairrismo.

! Pois se até Guimarães foi bêrço de Nacionalidade pela graça do Nosso Senhor Jesus Cristo e bairrismo do nosso Afonso Henriques!

Como se vê, isto já vem de longa data...

Coisas desagradáveis

—Andar «criaturo» mui contente da sua vida, chegar amigo, conversar com êle, o outro ficar furioso como um garraio, a «cara-metade» andar-lhe a construir, clandestinamente, dois apilarados... «arranha-céus», a cada banda do prédio frontal...

—Ir um patusco á Penha, molhar-se de duas maneiras, fugir o pé, escorregar na valêta, beijar «policia»...

E. Patusco

Grande sarilho

Foi o que aconteceu com a festa da inauguração da Sociedade columbófila de Guimarães.

As mansas pombinhas, mansas como cordeiros, asfixiavam de calor dentro dum caixão que parecia o que serviu para o enterrado-vivo.

Nesta altura foi ordenada a mobilização geral de todos os corpos *gerentes e não gerentes* para fazerem *vento*, sendo um regá-lo vê-los a trabalhar com denodo, abanando com toldos, abanicos e foles. Chega a hora de soltar as ditas pombas. Do combinado, nem nada. O sineiro de S. Pedro adormece agarrado aos baidalos dos sinos e a demora não pode fazer-se esperar mais. Nisto, surge a ideia de o fazer acordar, mandando-lhe um foguete á torre. A distância era grande. Em todo o caso... só depois de soltas as pombas é que o repique se fez ouvir.

Achamos o número deveras interessante. Bom era que se não ficasse por aqui.



De quem seria?

Um chapéu, casaco, calças, cortunos, e talvez sapatos, com que A. Carneiro se apresentou num enterro ultimamente rializado nesta cidade?

Optima filosofia a deste cavalheiro!

Lá diz o ditado: «viver não custa, o que custa é sacer viver».



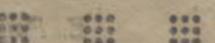
Pelo cinema

Segundo informações que temos como fidedignas, soubemos que o nosso grande Empresário, snr. Jacinto Guimarães, mandou incognitamente a Lisboa o seu exímio operador E. Castelar para ver o funcionamento do cinema sonoro, com que nos vai mimosear na próxima época de 2.375.

Soubemos mais que o nosso Castelar ficou de boca aberta ao ouvir as crianças a falar inglês, francês e hespanhol, contando que o que mais o impressionou foi a linguagem dos animais.

Diz ele: «Tive ocasião de apreciar cães ingleses que latiam tal e qual como os nossos! Só visto!»

—Ai, velho! só visto? Em Guimarães? Só... por um... canudo.



PERFIS

Figuras de destaque de nesse meio :: em todas as classes sociais ::

PERFIS

Scouts de Guimarães

Consta que foi ordenada a mobilização geral dos Scouts Portugueses—núcleo de Guimarães—para as grandes manobras de pau e corda a realizar no monte de S.º Amaro.

Segundo nos dizem, foi requisitado o edificio da Escola Industrial, para alojamento, pois a dita mobilização deve reunir para cima de 5897 lobos, lobinhos, lobitos, leões, galos e elefantes.

Um verdadeiro jardim zoológico!

O tema das manobras, elaborado pelo Conde de Capareços (Esteves da Ultramarina) que ultimamente foi nomeado brigadeiro daqueles... negócios, constará do seguinte:

—1.º DIA: saída do quartel ás 5 horas da manhã em marcha acelerada ao dito local de S.º Amaro, onde deve ser feito o acampamento.

A tarde: teoria para a aprender a caçar grilos e sardões.

A noite: instrução para conhecer a fórmula da preparação do bacalhau de cebolada.

—2.º dia e último das manobras:

De manhã: Revista passada pelo dito Conde de Capareços que tomará a alternativa dada pelo Dr. Cuécas.

A tarde: Caminhada pelas estradas em busca da raiz do cascalho com data anterior ao século XII.

Cá aguardaremos ansiosamente este acontecimento.



GAZETILHA

De quando em vez o nosso João de Deus berra, no «Janeiro», contra o péssimo serviço policial, principalmente quando o garotio se junta, ali, em pleno Tournal, a apreciar os painetes artísticos do «teatro» do Jacintrinho, á mistura com vocabúlos de fazer córar... um cabo de policia.

Enquanto a policia joga no Rutino, o ebincalhão, fala mal o matulão, anda a pobre criança á sogra e a moral perde a razão...

Também uma de suéca não fez mal á figodeira... tudo o mais é brincadeira, e isto de andar seca e méca põe um tipo na 'stiqueira.

O' terra da vida minha, —isto assim não pode ser!— se é policia p'ra inglês ver, com franquesa, franquesinha, dá vontade... de morrer.

Zé Quintilha

BANQUEIROS

I

Um pouco alcachinado, alto, bigode grisalho, inteligente, viajado, é vê-lo entregue á sua neurastenia. Lê Tolstoi como quem lê uma bíblia.

Vichy é a consolação para os seus males; pois quando regressa vem remoçado, frésco, sorridente.

Embóra não tivesse nascido em Guimarães, é de Portugal.

II

Novo ainda, inteligente, olhos vivos através dos óculos de miopia, afável, é tripeiro de gema.

A'r triste de quem é doente, a sua bôca contrai-se em sorriso ao espelhar-se no rancho dos seus filhitos, enlévo do seu coração.

Conversador animado, graceja quando os intestinos o não apoquentam.

III

Novo, gordo, de aspecto saudável, usa óculos também. Ama Renan como a caça. Seria capaz de acompanhar Cristo... a ver isto.

E' da região em que se dança o «Estaladinho».

Português de uma só cara, está em permanente contacto com o ultramar, apesar de nunca passear aquelas parágens inóspitas, como antigamente se dizia.

«viro en, e viras tu,
Mas cautela com o bôu...»

IV

Meia idade, ares afidalgados, franzino, baixo, rôsto sêco, aspecto gráve, frio, fumadeira ao canto da bôca, ares arrogantes, desdém ab-

soluto pelo que á sua volta possa acontecer, deve sofrer do grande mal—a neurastenia.

Aprecia mais um cavalo de raça do que uma nota de quinhentos, mesmo sem sêr falsas.

E' de Guimarães.

V

Agradável, embóra um tanto bissonho. Já um pouco calvo, embóra tu leitor, não o vás julgar muito velho, é um homem na curva ascendente da sua vida. Tem falas de... vestal e oihitos de usurário.

E' de Guimarães.

VI

Baixo, bigode á «americana» não usa capachinho e é completamente calvo. Novo, mesureiro, mete toda a gente no coração. Já foi banqueiro no Porto. Inteligente, nas horas vagas espalha os seus conhecimentos comerciais.

Ama o café da «Brazileira» e vai-se sujeitando ao do «Oriental». Na franquesa, é um verdadeiro minhóto.

VII

Sempre muito empertigado, passo miúdinho, é gerente de banco, gerente e representante, há muitos anos. Cumprimentador em extremo, afável de trato, abre uma saca de dinheiro com um propósito igual ao que teria um qualquer Gaspar nos «Sinos de Corneville».

Vive como um proprietário, e não sabemos se na «arca» há bragal e pão que o compense das fomes de... dinheiro que tem rapado.

Zé Tomé (biógrafe)

ADIVINHAS

V

Quando é que todas as mulheres são bonitas?

VI

Verde foi meu nascimento
E de rôxo me vesti;
Na cabeça me puseram
Uma corôa de rainha;
De dentro de mim tiraram
Cento e uma pérola fina.

N. da R.

Decifrações: 1.º Indo servir;
2.º Cebola.

Anedocta histórica

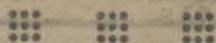
O GRANADEIRO

O marechal de Saxe disse a um granadeiro que ia sêr enforcado por ter roubado 6 francos:

—E's bem miserável para arriscares a vida por seis francos!

—Então, meu general, não a arrisco eu todos os dias por cinco soldos?!

A resposta alcançou-lhe o perdão.



ler e propagar

«O Zezista»

**Grande caçada...
dos caçadores**

Na Penha, hoje, representa-se a mágica... da caçada ao saboroso menu do Paulino.

"O Zezista", bom jornal,
Participa a toda a gente
Que caçador's em geral,
Em juntário bem valente,
Fazem festa fraternal.

Festa rija com efeito,
Com muitos tiros a dar,
(Torneio mui a preceito...)
E assalto a um jantar
Que vai ser tomado a peito!

Tudo á Penha, com presteza,
A ver do ataque o furor
Ao cozido á portuguesa,
E ao verdasco do Senhor
—Bebida da gente teza!

Ide todos, pois, lampeiros
E vereis admirados,
Na Penha d'ares fagueiros
Quantos pifões são caçados
Por tão valentes parceiros!

Zé Caçader

Um alvitre

Temos lido no «Pirilau» que a Ex.^{ma} Senhora D. Blague se tem preocupado muito com a sua nova organização «policia-piraulistica».

¿Não seria melhor, em lugar de andar a escalar os ditos policias por várias ruas e esquadras, organizar antes uma confraria de S.^{to} Elias?

Parece-nos que seria melhor. Os diferentes cargos poderiam ser assim distribuidos:

- Vigário do culto—P. Freitas.
- Mordómo-Mór da cêra—D. Blague.
- Juiz (da vassoura)—J. Esteves.
- Apaga-tóchas e acende lamparinas—E. Jordão.
- Tesoureiro (dos ovos)—J. Cunha.

Para emblema passariam a usar na lapêla do casaco uma violetazinha em forma de coração atravessado por um *espinaço de bacalhau*.

Aqui fica o nosso alvitre se o quizerem aproveitar.

Zé Junier

Grande Concurso de Beleza

Eleição da "miss" Guimarães

"O Zezista" convida os cara-unhacas dos seus leitores a tomar parte neste concurso dizendo da sua justiça.

Beleza! Bom gosto! e Plástica!

Como andam em moda os concursos de beleza, os Zezistas entenderam que em Guimarães também há caras que são um amor e deliberaram pôr a concurso o palminho de rôsto que merecesse a honra de representar a nossa terra no número das rainhas de beleza, apelando para o *sufrágio directo* dos leitores do seu jornal—no propósito de acompanhar os movimentos que se esboçam pelo país fóra e certos de que este concurso será um verdadeiro triunfo.

Assim, nomearam entre si uma comissão que operará á laia de juri e que envidará os seus esforços para interessar todo o público em geral. Por sua vez, este terá unicamente o trabalho de escrever uma carta para a redacção e dispenderá a módica quantia duns 40 ctvs. numa estampilha, pois trata-se dum escrutínio secreto.

Essa comissão é presidida pelo nosso colaborador e pressado consócio snr. Luís Filipe

Coelho e composta ainda pelo nosso director, snr. Américo Alves Ferreira e secretário da redacção, snr. Aurélio de Barros Martins.

O praso para a remessa dos votos irá até 31 do corrente, sendo por essa ocasião aberta a correspondencia e publicado em 15 d'Agosto o número com a fotografia da eleita, á margem da qual serão mencionados os nomes das senhoras que maior número de votos tiverem alcançado, e as quais serão cogominadas damas de honor.

Não valém garotices, pois desejamos que isto seja a sério para fazer ver... aos estranhos que a mulher vimaranense ainda é um *bijousinho* que faria morder de raiva os próprios santos e que tentaria, se Paraíso houvesse, o nosso Pai Adão a engasgar-se com o tal «fruto proibido».

No concurso, pois!
Por nossa dama!
Por Guimarães!

A quinze dias... sem vista

Meu amigo:

Mete *feérismo* a carta de hoje. Com os ouvidos meio *tapados* ainda do estrondear dos fôguêtes e no nariz o cheiro do cêbo a derreter-se pinguento dentro dos *copinhos* suspensos dos «festões» de arame coberto a papel de côres bizarras, eu quasi me vejo encravado no assunto para esta. Mas... vou tentar.

A maré é de *abundância*.
Abundância de tudo. De tudo, que é... *nada*. Crise... de *abundância*—que é: *abundância*... de crise. Quer dizer: há quem rebente de... *falta de ar*—e há quem rebente por... *excesso de ar*... Vida *pneumatizada*.

Não tenhas dúvida: estamos *pneumatizados*... Tam *pneumatizados* que, buscando-se todas as *soluções*, mesmo a autêntica «Michelin», não há já *solução* que *tape*... E não admira: éle, é cada *furo*...

Mas que *furo*... Até parece... *furão*...

E' o caso que há dias, falando-se de certo *falécimento*—*falecemento* que não metera pompa de *enterro*, com *vélinhas* e tudo, mas que a muitos rôstos trouxera a côr vitrea dos *enforcados*—alguém, de entre o grupo, armando-se em *solucionista*, arriscára uma frase—frase que, pelas violências da expressão, arrancára aos outros circunstantes, como resposta, aquela outra frase conhecida pela *frase de Kambrone*...

Alguns passos já andados, numa despedida «á francesa», o nosso *solucionista*, volta-se, e desfecha esta:

E' tartar, amigos!... A maré esborda...

Do teu confrade,

Jaime Ortigal



Coisas desagradáveis

—Dar um passeiozinho pelas beiras do Castelo, noite pôr sombras ao redor, *estrelas* dar claridade, povo não andar cego, dois vultos sentados, «bico ensinar música à «bica»...

—Estar pessoa entaladinha com um «parreco» na garganta, tossir, puxar por éle, deitar fóra, cair «bisca» em cima da gravata...

—Ir ao estrangeiro, entrar no «rustelante», pedir lista, comer sete sopas...

«Que lindo que é o mar»

«Que lindo que é o mar!» assim dizia

Alguem ao vê-lo, um dia, a vez primeira,
Enquanto seu olhar se delicia,
Duma doce miragem feiticeira.

De fina espuma a areia se cobria,
Das penedias circundando a beira,
E espirava-se um cheiro a marezia
Trazido pelo aragem mais fagueira.

«Que lindo que é o mar!» Brancas vélinhas
Avistavam-se, ao longe, a navegar,
Para a pesca afanosa das sardinhas...

E ouço aquela voz, como a sonhar,
Em constantes e longas ladaindas,
Sempre a dizer: «Que lindo que é o mar!»

Do livro «Verde Esperança». Jerónimo de Almeida

Cerveja quente

Dada a inverneira que tem feito — e no dizer do solícito correspondente do «Notícias» — sem que se saiba a que atribuir, os proprietários do *Oriental* que haviam gasto o seu rico dinheirinho na compra dum aparelho para fornecer cerveja gelada, a copo, em reunião magna deliberaram comprar um outro aparelho que forneça cerveja quente, visto que necessitam de dar gasto á gelada que compraram para o verão.

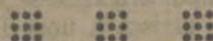
Ao menos não ficam com o enorme estoque que tinham em armazem.



Fábrica de caramilos

Consta que vai ser presente á 3.ª repartição da Circunscrição Industrial da secção do Norte um requerimento pedindo a autorização para instalar uma fábrica de caramilos no mictório do Largo da Mesericórdia.

Visto que não se tomam providências quanto á limpeza de tal casinhoto, alguém deseja occupá-lo em industria rendosa, pois é público e notório que ali os caramilos nascem já prontos — e que é mina inexgotável.



Barracão

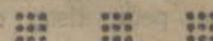
Anda meio mundo intrigado com o barracão de madeira que foi autorizado construir-se na rua Doñães, demais havendo pessoas lesadas que viram prédios seus demolidos e que por vergonha se demoliu também um casarão onde os desprotegidos se acolhiam em tempos idos.

Anda meio mundo intrigado, dizíamos, porque ninguém soube de projecto que delineasse aquele embelesamento digno do Palais de Justice, de Paris, ou do Monumental Club, de Lisboa.

? Ou tratar-se-há do cinema sonoro que o *Cinríno* encomendou em Lisboa?

Se este ramo de negócio produz tanta barulheira, que não se atura á distancia dum quilómetro, nada queremos com tal coisa, e o *Cinríno* pode continuar a fazer o seu pé de... meia.

Deixaria de existir a circunscrição para perguntar á vizinhança se é ou não incomodada, e rasgar-se-ia a lei que ordena asseio e limpeza em qualquer officina?



OS SINOS

De Gabriel D'Annuncio

Duma versão francesa — por L. Coelho

(Conclução)

O seu amor redobrava com o fêno; e o fêno crescia, aumentava como uma vaga; e, no meio deste verde mar, Zolfina quando se erguia, a cabeça envolvida por um lenço vermelho, tomava o aspecto duma esplêndida e luxuriante papoila.

Com que alegria cantarolava estribilhos, sôb as filas das macieiras e das amoreiras brancas, ao longo das moitas carregadas de magnoleiros e de madresilvas, pelos campos amarellecidos das couves em flôr, acompanhando a *Cantadeira* que, lá em baixo, em St.º António, fazia variações tão alegres que dir-se-iam um gorgeio enamorado!

Mas, numa manhã, quando Biasce a esperava na fonte com um lindo ramo de goivos que havia colhido recentemente, Zolfina não appareceu.

Caíra de cama com a variola, doente das bexigas negras.

Pobre Biasce! Quando o soube, sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias e cambaleou, mais triste do que a noite, ainda mais dorido do que no momento em que a *Loba* lhe abriera uma fenda na testa.

E, para mais, enquanto a sua pobre Zolfina sofria, — Deus sabe que torturas, ó Virgem bendita, Deus sabe que torturas! — ele era forçado a cançar os braços com os repiques deste domingo de Ramos, ele que sentia um peso no peito, era obrigado a suportar a alegria insultante do sol, a ouvir o *brouháhá* sempre crescente da multidão, a contemplar a procissão dos ramos de oliveira, a absorver o perfume do incenso que se enovelava de fumo, desenhando estranhas silhuetas, e a deleitar-se ou insensibilisar-se ao ritmo dos cânticos ou na atonia das rezas...

Passou dias terríveis. Ao cair das trevas, Biasce volteava a casa da sua doente como um chacal ao redor dum cemitério; debaixo duma janela de vidraças corridas, espargindo luz do interior, ele parava e fixava os seus olhos arrastados de lágrimas nas sombras que se reflectiam nos vidros, o ouvido á escuta, comprimindo a sua mão sôbre o peito alanceado; depois, como um louco, de passo incerto, corria a refugiar-se na sua mansarda.

No decorrer da noite, junto dos sinos imóveis, ele lá permanecia horas e horas, torturado por uma

imensa angústia, mais pálido do que cadáver.

Debaixo dos seus pés, nem viva alma passarinhava nas ruas inundadas de luar e de silencio; na sua frente, o mar triste e encrespado que se via quebrar nas praias desertas, fazendo ecoar a monodia do u... u... rumoroso; por cima, o azul cruel.

E por entre o casario, sob esse tecto que se entrevia a custo, Zolfina já no estertor da agonia, estendida na sua cama, muda, o rosto enegrecido e corticado das erupções purulentas, sempre muda, alumiada por mortíça luz duma vela que empalidecia na brancura do alvorecer, ela percebia que as orações retumbavam e subiam numa explosão de soluços.

Duas ou três vezes, a pobresita soergueu a cabeça loira, pensosamente, como se quizesse falar; mas as palavras levavam sumiço na garganta, o ar faltava-lhe e a luz fugia-lhe do olhar.

Contraíu os lábios num rictus, entreabriu-os depois num rouquido sufocado, tal qual um cordeiro que se mata, e tornou-se fria.

Biasce foi vê-la, a sua pobre morta.

Embrutecido, de olhos vítreos e parados, contemplou-a no ataúde todo embalsamado do perfume das flores e sob as quais se alongava esta podridão de carne inda tenra, esta decomposição de humores fétidos que enodoava a brancura do lençol de linho. Olhou-a num instante, misturado com os curiosos da vizinhança; depois, safu, voltou para a sua toca, e, ao chegar ao meio da escada que lhe dava acesso, puxou a corda da *Cantadeira*, fez um nó correção, enfiou o laço pela cabeça, ajustou-o ao pescoço, e deixou-se cair no espaço.

Os balouços do corpo do enforcado fizeram com que, no silencio da Sexta-feira Santa, a *Cantadeira* badalasse num instante cinco ou seis tocadelas inesperadas, argentinas e jocosas que fizeram romper do beiral do telhado um bando de audorinhas assustadas que se lançaram na amplidão da luz solar.

FIM.



Assina! "O Zezista"

O Destino

Foi numa dessas tardes de inverno, gélidas e tristes, quando o sibilar do vento e o fustigar constante da chuva sacodem desapiadamente todas as coisas da natureza, que eu me encontrava, em um dos pontos abrigados da cidade, em despreocupada conversa com um amigo, quando ele, um tanto surpreendido, chamou a minha atenção para alguém que nesse momento ali tinha chegado.

Esse alguém, era *Ela*, a Mulher-orgulho, a fera indomável dos tempos em que a frescura das faces e a elegância do seu corpo juvenil, a levavam a trocar de todos aquêles que, embriagados pela sua formosura, tinham a desdita de lhe confessarem o seu amor!

Mas um dia, quis o inexorável destino ajustar contas com aquella que, tantas vezes, dele próprio parecia ter zombado!

Essa mulher, que foi altiva, formosa e sedutora, que pagara com risadas escarminhas as propostas de amor, sinceras e desinteressadas, de alguns rapazes de bem, era agora o vivo retrato da miséria, no mais elevado grau.

O destino inclemente, poisou sôbre *Ela* e a sua garra, atirando-a sem piedade para o turbilhão aonde a desventura e a miséria, de mãos dadas, esperam as suas presas!

Apareceu-lhe um dia um homem — depois de ter zombado de tantos! — que lhe ofereceu o seu amor. E *Ela*, então, já cansada e aborrecida daquela vida, e ainda porque a frescura da mocidade a ia já abandonando, resolveu entregar-se-lhe.

Depois, sem o menor escrúpulo, com o orgulho natural de quem consegue dominar a fera, ele deu-lhe um filho, lançando-a em seguida no mais completo abandono, sem se apiedar, ao menos, do inocente ser que nos seus braços lhe havia deixado!

Agora, era *Ela* que, cabisbaixa e envergonhada, com o filho aconchegado ao seio, coberta, de andrajos, as faces maceradas, e olhar desvairado a mostrar claramente os sintomas de uma preste alucinação, procurava inutilmente o algeoz, o hipócrita, que com as suas infames promessas havia sido a causa de toda a sua desventura!...

Foi neste estado miserável, que naquela tarde, gélida e triste, eu e o meu amigo, contemplamos a Mulher-orgulho de outróra!

J. Gualberto de Freitas.

